

DO NOME DE DEUS AO DOM DE SI: O CAMINHO ESPIRITUAL DE ETTY HILLESUM

Diego Fragoso Pereira*

Resumo: O artigo investiga o caminho percorrido pela jovem judia holandesa Etty Hillesum (1914-1943), desde a descoberta do nome de Deus até a entrega da própria vida como um dom, a se consumir na câmara de gás em Auschwitz. Deus entra no percurso espiritual de Etty como um nome, cuja pronúncia exige coragem. O nome se torna uma pessoa que, no entanto, está soterrada no poço da própria interioridade. O desenterrar Deus de dentro de si é um processo lento que se dá através da meditação. Por fim, Deus é alguém com quem Etty estabelece um diálogo ininterrupto. Ora, a descoberta não mais do nome, mas da pessoa mesma de Deus provoca em Etty uma tomada de decisão diante do contexto da perseguição nazista. Em vez de entrar na clandestinidade, ela decide compartilhar o destino coletivo do seu povo. Ao fazer isso, está a ajudar Deus a nos ajudar, sendo pão partido e bálsamo para todas as feridas.

Palavras-chave: Espiritualidade; Caminho Espiritual; Deus; Dom.

Résumé: L'article enquête du chemin parcouru par la jeune juive néerlandaise Etty Hillesum (1914-1943) depuis la découverte du nom de Dieu jusqu'à l'offre de sa propre vie, à être consommé dans la chambre à gaz d'Auschwitz. Dieu entre dans le parcours spirituel d'Etty comme un nom, qui pour prononcer demande du courage. Le nom devient une personne qui, pourtant, est enfouie dans le puits de sa propre intériorité. Déterrer Dieu de l'intérieur est un processus lent qui se déroule par la méditation. Enfin, Dieu est quelqu'un avec qui Etty s'engage dans un dialogue ininterrompu. Or, la découverte non plus du nom, mais de la personne même de Dieu provoque à Etty une décision prise dans le cadre de la persécution nazie. Au lieu de se cacher, elle décide de partager le destin collectif de son peuple. Ce faisant, elle aide Dieu à lui aider, à nous aider, étant le pain rompu et le baume pour toutes les plaies.

Mots-clés: Spiritualité; Chemin Spirituel; Dieu; Don.

Introdução

O hábito de escrever um diário é uma maneira concreta de narrar-se, de contar-se e de se compreender. Etty Hillesum (1914-1943), em seu *Diário* e em suas *Cartas*, situa-nos no micro e no macrotempo, no micro e no macroespaço. Escrevendo durante a Segunda Guerra Mundial, nos deparamos com notas sobre o desejo insaciável de líderes políticos em dominar, aniquilar, exterminar países, povos, pessoas. Mas também nos deparamos com notas sobre os horrores e as agruras, sobre as alegrias e as conquistas, sobre os

* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Escola Superior de Gestão Comercial e Marketing (ESIC), de Curitiba/PR. Membro do Grupo "Leitura em Tempo de Risco", iniciado nos primeiros meses da pandemia, em 2020. O presente artigo surgiu de uma palestra proferida na Faculdade Dom Luciano Mendes, de Mariana/MG, em 20/03/2021. Agradeço aos membros do Grupo "Leitura em Tempo de Risco" pela oportunidade de revisitar e de me aprofundar nos escritos de Etty. E-mail: diego.pereira@esic.br.

desafios de pessoas concretas, inseridas em um contexto de guerra, perseguição, prisão, morte, vida, liberdade, crescimento, humanidade.

Etty poderia se limitar a registrar fatos. Contudo, vai além. Além dos fatos, ou melhor, antes e acima dos fatos, Etty escreve sobre pessoas concretas, sentimentos, misérias e mazelas, pensamentos nobres e elevados. Ela escreve a vida e sobre a vida. Etty acompanha com a escrita seu processo vital de autoconhecimento e auto-libertação. Quando se empreende o caminho para dentro de si, percebe-se várias dimensões que ali habitam. Uma delas é a espiritual, dimensão considerada neste artigo. Do ponto de vista da vida do espírito, de que maneira Etty percorre seu caminho de conhecimento e busca de si, dos outros e, afinal, do Outro?

A vida espiritual se insere em uma situação concreta. O que acontece na dimensão espiritual repercute no cotidiano e vice-versa. Quando inicia seu *Diário*, nos deparamos com uma Etty em conflito consigo mesma e com o que está ao seu redor, mas em estado permanente de busca pelo transcendente que a habita. Nas pegadas de Agostinho de Hipona, Etty compreende que Deus mora no interior. Encontrá-lo é também se encontrar. Esse duplo encontro a conduz para fora, para a vida ordinária ameaçada pelo contexto da perseguição nazista. Porque encontrou o “Deus soterrado” e a si própria, Etty é capaz também de entregar a própria vida como dom, como pão partido, como bálsamo.

Assim, pretendo identificar em Etty Hillesum, a partir do seu *Diário* e das *Cartas*, um percurso que a leva desde a descoberta de Deus até a entrega da própria vida, enquanto dom, no campo de concentração de Westerbork, na Holanda. Para tanto, divido o texto em três partes. Na primeira, apresento algumas notas biográficas de Etty. Na segunda, traço um caminho que a conduz desde a descoberta de Deus até o diálogo ininterrupto com Ele. Na terceira, procuro perceber de que modo o encontro com Deus permite que Etty transforme a própria vida em um dom a ser oferecido.

1. A moça de Amsterdam

Esther Hillesum, chamada também Etty, era uma jovem judia holandesa que viveu durante parte da primeira metade do século XX. Sua vida foi desde o início da Primeira

Grande Guerra Mundial e terminou durante a Segunda. Ela nasceu no dia 15 de janeiro de 1914, em Middelburg, na Holanda. Seu pai se chamava Louis Hillesum (1880-1943), um erudito professor de letras clássicas. Sua mãe se chamava Rebeca Bernstein (1881-1943), uma mulher extrovertida, caótica e dominadora (HILLESUM, 2020, p. 103-105 [Diário, Caderno 2, 08/08/1941])¹. Além de Etty, havia dois filhos mais novos: Jaap (1916-1945), que se tornou médico, e Mischa (1920-1944), um pianista promissor. Os dois irmãos apresentavam problemas psiquiátricos. Depois de terminar o liceu, Etty cursou direito em Amsterdam. Matriculou-se no curso de línguas eslavas em Amsterdam e Leyde, o qual foi interrompido pela Guerra. Para ganhar a vida, dava aulas particulares de russo.

A partir de 1937, Etty se tornou governanta na casa do senhor Han Wegerif (1879-1976), com quem estabeleceu um relacionamento amoroso. Permaneceu nessa casa até 1942, quando foi para o campo de Westerbork, na Holanda. Além de Etty, residiam também o filho de Han, Hans Wegerif (1919-1983), a empregada Käthe Fransen, o estudante de bioquímica Bernard Meylink e a enfermeira Maria Tuinzing. Foi através de Bernard que Etty conheceu o psicoquirologo Julius Spier (1887-1942). Spier era um judeu nascido em Frankfurt. Depois de trabalhar como gerente de banco, descobriu sua aptidão para a psicoquirologia. Mudou-se para Zurique, na Suíça, onde fez treinamento como psicanalista sob a orientação de Carl Gustav Jung, que o persuadiu a dedicar-se à psicoquirologia, ao estudo e classificação das impressões palmares. Spier chegou em Amsterdam em 1939. Era um homem que despertava a admiração das pessoas, sobretudo das mulheres. Ele era capaz de ler a vida das pessoas a partir das palmas das mãos e para interpretá-las a partir de uma visão psicológica.

No dia 3 de fevereiro de 1941, devido a estados depressivos constantes, Etty começou um processo de psicoterapia com Spier. Esse encontro foi decisivo. Durante o processo de autoconhecimento, Etty deu um salto qualitativo na sua vida interior. Em 8 de março de 1941, ela iniciou uma série de, pelo menos, 12 cadernos² do seu *Diário*. O sétimo caderno

¹ Para as citações das obras de Etty, utilizarei dois formatos concomitantes. No primeiro, citarei de acordo com as normas da ABNT: sobrenome, ano, página. No segundo, entre colchetes, citarei o *Diário* com o respectivo caderno e a data, ou a *Carta*, seu número e a data.

² A série dos 12 cadernos do *Diário* de Etty possui a seguinte cronologia: (a) Caderno 1: escrito do dia 8 de março de 1941 a 4 de julho de 1941; (b) Caderno 2: escrito do dia 4 de agosto de 1941 a 21 de outubro de 1941; (c) Caderno 3: escrito do dia 21 de outubro de 1941 a 6 de dezembro de 1941; (d) Caderno 4: escrito do dia 8 de dezembro de 1941 a 25 de janeiro de 1942; (e) Caderno 5: escrito do dia 16 de fevereiro de 1942 a 27 de março de 1942; (f) Caderno 6: escrito do dia 27 de março de 1942 a 30 de abril de 1942; (g) Caderno 7: perdido; (h) Caderno 8: escrito do dia 18 de maio de 1942 a 5 de junho de 1942; (i) Caderno 9:

se perdeu, bem como aquele que escrevia enquanto estava em Westerbork³. Nesses cadernos, Etty realizou um percurso literário e, sobretudo, espiritual. Embora fosse de família judia, não era praticante, como nenhum do seu círculo familiar mais próximo. Pelo contato com Spier, também judeu, aos poucos se familiarizou com o Novo Testamento, Agostinho de Hipona, Paulo de Tarso, Tomás de Kempis, Mestre Eckhart, bem como se aprofundou em Rainer Maria Rilke e Fiódor Dostoievski, por exemplo.

Dado o contexto de perseguição e de um cerceamento cada vez maior da liberdade de ir e vir dos judeus pelo regime nazista, o irmão Jaap aconselhou Etty a solicitar um emprego junto do Conselho Judaico, em Amsterdam. O Conselho Judaico era o órgão responsável por implementar as decisões do governo nazi, independente de quais fossem, na comunidade judaica de um dado país. Era através dele que o regime nazi executava considerável parte do seu projeto de prisão e, posteriormente, de extermínio em massa dos judeus. Etty foi contratada pelo Conselho e trabalhou como datilógrafa⁴ desde o dia

escrito do dia 5 de junho de 1942 a 3 de julho de 1942; (j) Caderno 10: escrito do dia 3 de julho de 1942 a 29 de julho de 1942; (k) Caderno 11: escrito do dia 15 de setembro de 1942 a 13 de outubro de 1942; (l) Caderno 12: perdido.

³ No dia 7 de setembro de 1943, na véspera de ser colocada no transporte para Auschwitz, escreveu Etty para seu amigo Jopie Vleeschouwer: “Tenho comigo *os meus diários*, as minhas Bíblias pequenas, a minha gramática de russo e Tolstói, e não faço ideia do que mais está na minha bagagem” (HILLESUM, 2009, p. 258, grifo meu [Carta 78, 06 e 07/09/1973]). Para as cartas, seguimos a numeração da edição integral. Sobre a expressão “Tenho comigo os meus diários”, notei que a forma de plural (“*meus diários*”) aparece nas traduções em língua portuguesa (Portugal e Brasil), espanhol, italiano e inglês. Dos textos disponíveis no momento, apenas a edição francesa traz a expressão no singular: “J’emporte *mon journal* et mes petites bibles et ma grammaire russe et mon Tolstoï, e je ne sais même pas tout ce qu’il peut y avoir dans mes bagages” (grifo meu). Como desconheço o neerlandês, não pretendo resolver esse impasse. Em todo caso, considerando as duas possibilidades, singular ou plural, temos: (a) singular: Etty teria consigo apenas o Caderno 12, o qual teria levado no transporte do dia 7 de setembro e que acabou por se perder; (b) plural: Etty teria consigo o Caderno 12 e mais algum outro Caderno, que poderia ser o 7 ou mesmo iniciado um novo, que seria o 13. Infelizmente, aqui, podemos apenas conjecturar.

⁴ Ali Etty vivia uma situação paradoxal. De um lado, trabalhava no Conselho Judaico, onde, pelas circunstâncias do momento, reinava um caos, já que ali estava a esperança para os judeus de continuarem a viver livres. De outro, apesar do clima turbulento, Etty ainda conseguia a concentração necessária para ler Rilke, ali mesmo. Escreveu no seu *Diário*: “E, apesar de tudo, consegui ler algumas cartas de Rilke ali na estreiteza do corredor, no meio dos apertos e dos empurrões; continuo porém a ir em frente à minha maneira. E o pavor estampado naquelas caras. Todas essas caras, meu Deus, essas caras” (HILLESUM, 2020, p. 261 [Diário, Caderno 10, 16/07/1942]); “E, por entre os milhares de requerimentos que hoje bati à máquina nesse ambiente a meio termo entre o inferno e um manicômio, ainda consegui ler isto do Rilke e provocou-me exactamente a mesma reacção que se o tivesse lido no isolamento deste quarto silencioso” (HILLESUM, 2020, p. 265 [Diário, Caderno 10, 21/07/1942]); “Esta última semana é realmente uma grande afirmação de mim mesma. Na verdade, sigo o meu próprio caminho interior naquele manicômio. Há uma centena de pessoas a conferenciar a monte numa divisão pequena, as máquinas de escrever fazem barulho, e eu estou sentada num cantinho qualquer e leio Rilke. Ontem, a meio da manhã, fizemos uma mudança de repente, mesas e cadeiras foram retiradas debaixo do meu rabo, pessoas à espera invadiram o espaço, toda a gente dava ordens e contra-ordens, envolvendo mesmo a mais mísera cadeira, mas a Etty estava sentada no chão imundo, a um cantinho, entre a máquina de escrever e um embrulho de sanduíches, a ler Rilke. Eu lá me encarrego de promulgar a minha própria legislação social, e vou e venho quando me parece bem. Por entre todo esse caos e miséria, vivo intensamente segundo o meu ritmo e consigo assim a cada instante, por entre o bater de centenas de cartas à máquina, concentrar-me nas coisas que são

15 de julho de 1942 até o dia 30 de julho do mesmo ano, quando pediu para acompanhar no campo de trânsito de Westerbork⁵, na condição de serviço de ajuda social, os primeiros grupos de judeus antes de serem colocados no transporte⁶.

No campo, Etty trabalhava na enfermaria e dava apoio espiritual aos internos, bem como os ajudava no momento do transporte, que partia às terças-feiras. Por estar em Westerbork como membro do Conselho Judaico, ela obteve licenças para voltar a Amsterdam, sobretudo quando se encontrava doente⁷. No dia 6 de junho de 1943, os membros do Conselho Judaico perderam suas prerrogativas no campo. Parte voltou para Amsterdam, parte ficou retida em Westerbork, como os demais prisioneiros. Etty estava no segundo grupo. Entre 20 e 21 de junho de 1943, na grande caçada aos judeus pela Holanda, os pais de Etty e Mischa foram enviados para Westerbork. No dia 7 de setembro de 1943, os quatro foram colocados no transporte, rumo a Auschwitz. Os pais faleceram durante a

importantes para mim. Não é um fechar os olhos a todo o sofrimento à minha volta nem é insensibilidade. Acarreto e conservo tudo dentro de mim, mas sigo o meu próprio caminho imperturbável. Ontem foi um dia louco. Um dia em que o meu humor quase satânico veio de novo à superfície em que de repente me senti outra vez uma criança travessa. Deus me livre de uma coisa: nunca me deixes ir parar a um campo com as pessoas com quem trabalho agora diariamente!” (HILLESUM, 2020, p. 270-271 [*Diário*, Caderno 10, 25/07/1942]).

⁵ O campo de Westerbork não era campo de extermínio, mas de trânsito. Estava situado na província neerlandesa de Drenthe, no noroeste do país, perto da fronteira com a Alemanha. Na época, Drenthe era a província mais pobre da Holanda e também a menos habitada. O campo foi criado em 1939, para receber os refugiados judeus vindos da Alemanha ou de outros países onde eram ameaçados. Assim, Westerbork era um campo de trânsito, mas cuja finalidade era inserir os refugiados na comunidade local holandesa. A partir de 1942, Westerbork passa para a tutela alemã, que o torna um “campo de trânsito policial” (“camps de transit policier”). No entanto, em vez de inserir os judeus na Holanda, agora eles passavam a ser enviados de Westerbork para o leste, para os campos de extermínio, como Auschwitz e Sobibor, em decorrência da chamada “Solução Final”. Assim, o primeiro “transporte” para os campos de extermínio partiu no dia 15 de julho de 1942. Foram 92 transportes ao todo, cada um carregado por aproximadamente mil pessoas. O último transporte deixou o campo no dia 13 de setembro de 1944. Ver mais informações em: GERMAIN, 2006, p. 75-82. Atualmente, o campo de Westerbork é um Centro de Memória, que recebe visitas locais. É possível conhecê-lo através do seu sítio oficial: <https://kampwesterbork.nl/>.

⁶ Na primeira semana em Westerbork, entre os dias 5 e 7 de agosto, Etty se encontrou com Edith e Rosa Stein. Ainda que não nomeasse explicitamente Edith Stein em seus escritos, Etty fez referência em dois momentos a um encontro com freiras católicas de origem judia, que portavam a estrela de Davi sobre os hábitos religiosos. Escreveu Etty: “E essas duas religiosas de uma família de Breslau, rica, intelectualmente brilhante e bem ortodoxa, que portavam a estrela sobre seus hábitos conventuais” (HILLESUM, 2008, p. 725 [*Diário*, Caderno 11, 20/09/1942]); “Foi um dia curioso, estranho, aquele em que os católicos judeus ou judeus católicos - o que quer que lhes queiram chamar - chegaram num transporte; freiras e padres com a estrela amarela nos hábitos” (HILLESUM, 2009, p. 87 [*Carta* 23, 12/1942]). Por serem de Breslau, pela menção ao destaque intelectual, pelo fato ter ocorrido entre agosto e setembro e por Edith Stein ter passado por Westerbork entre os dias 5 e 7, visto que foi assassinada em Auschwitz-Birkenau no dia 9 de agosto de 1942, somos levados a inferir de que se tratava da filósofa Edith Stein (na religião, Teresa Benedita da Cruz, religiosa carmelita), canonizada posteriormente pela Igreja Católica em 1998, durante o pontificado de João Paulo II.

⁷ Etty se ausentou do campo de Westerbork por, pelo menos, três vezes. A última foi a mais longa: exatamente 6 meses. As saídas eram para tratamento de saúde. O tempo em que ela permaneceu em Westerbork foi: de 30 de julho de 1942 até aproximadamente 14 de agosto de 1942; de 21 de agosto de 1942 até 4 de setembro de 1942; de 20 de novembro de 1942 até 5 de dezembro de 1942; e de 5 de junho de 1943 até 7 de setembro de 1943, quando foi deportada com sua família para a Polônia.

viagem ou logo na chegada. Etty teria morrido na câmara de gás no dia 10 de setembro de 1943 (SMELIK, 2008, p. 22). A Cruz Vermelha, porém, afirma que sua morte se deu no dia 30 de novembro de 1943, com 29 anos de idade. Mischa, por sua vez, faleceu no dia 31 de março de 1944. Jaap foi enviado para Westerbork em setembro de 1943. No ano seguinte foi deportado para Bergen-Belsen, na Alemanha. Morreu em abril de 1945, durante a evacuação do campo.

Antes de ir para o campo de Westerbork, Etty confiou seus cadernos à sua amiga Maria Tuinzing, a fim de que pudesse encaminhá-los a algum editor para publicação. Após o final da Guerra, entre 1946 e 1947, Maria os enviou para Klaas Smelik. No entanto, nenhuma editora demonstrou interesse em publicá-los⁸. Em 1979, o filho de Smelik, Klaas A. D. Smelik entrou em contato com o editor J. G. Gaarlandt, que decidiu publicar parte do *Diário* de Etty. Assim, em 1981, foi publicada na Holanda uma seleção de textos, chamada *Uma Vida Interrompida* e, no ano seguinte, as cartas⁹ de Westerbork. A edição integral¹⁰ dos escritos ettianos - *Diário* e *Cartas* - foi publicada pela primeira vez em 1986. À cada reedição, aparecem uma e outra carta, que são publicadas em apêndice.

⁸ Etty teve duas cartas publicadas ainda em vida. Trata-se das *Cartas 23 e 64*, ambas publicadas em um mesmo volume no ano de 1943. Elas narravam a vida no campo de Westerbork. Uma nota à *Carta 23* traz a seguinte informação: “Esta carta foi, em conjunto com a carta 64, publicada ilegalmente no Outono de 1943, numa tiragem de cem exemplares, sob o título: *Drie brieven van den kunstschilder Johannes Baptiste van der Pluym* (1843-1912) (*Três cartas do pintor Johannes Baptiste van der Pluym*), com duas reproduções; publicada por e com introdução da Sra. A. C. G. Botterman-v.d.Plym, Apeldoorn, 1917. O jornalista David Koning (Amsterdão, 1920-Laren, 1970) e a redação dos jornais *De Vrije Katheder* e *De Patriot* foram responsáveis por esta edição aparentemente inocente. As cartas foram facultadas a Koning - através de um intermediário - por Petra Eldering, amiga de Etty, ligada à redação do *De Vrije Katheder*. As cartas foram levadas, impressas e encadernadas pelos irmãos Nooy, de Purmerend. Estes não só fizeram um trabalho de pouca qualidade, como terão tido por vezes problemas a decifrar a caligrafia, como testemunham as muitas pequenas e grandes diferenças que algumas das versões escritas à máquina - as cartas escritas à mão perderam-se - mostram em relação ao texto impresso. Além disso, na versão publicada, alguns nomes foram deliberadamente apagados” (HILLESUM, 2009, p. 75, n. 1).

⁹ Há uma edição em língua portuguesa, publicada pela editora portuguesa Assírio & Alvim, em 2009.

¹⁰ Não há edição integral do *Diário* de Etty em língua portuguesa. Além do texto em holandês, tenho conhecimento de uma edição integral em inglês, italiano, espanhol e francês. Quanto às edições parciais em língua portuguesa, tenho conhecimento da Record (1984), da Áyiné (2020), edições brasileiras, e da Assírio & Alvim (2020), edição portuguesa. É possível consultar uma bibliografia atual sobre Etty Hillesum, ainda que a maioria em língua francesa, em: <https://www.amisdettyhillesum.com/>. É possível também consultar a página oficial do Centro de Investigações Etty Hillesum, situado em Middelberg: <https://ehoc.nl>.

2. Da descoberta do nome ao diálogo ininterrupto com Deus

Entre a Etty do dia 8 de março de 1941, quando começou a escrever seu *Diário*, até a Etty do dia 7 de setembro de 1943, quando redigiu o bilhete a Christine Van Nooten, há um processo de crescimento, autoconhecimento, descobertas, desafios, lutas, escolhas, alegrias, impasses, decisões, perseguições, mortes. No meio desse processo, existe também o relacionamento de Etty com Deus, que aqui chamo de caminho espiritual. Considerando os cadernos do *Diário* e as *Cartas*, proponho situar o caminho espiritual de Etty Hillesum em quatro etapas distintas, embora não separadas: no começo, uma Etty “ateia” que, aos poucos, aprende a pronunciar o nome ‘Deus’, desenterrando-o de dentro de si mesma, até estabelecer um diálogo contínuo, ininterrupto não com um nome, mas com um ser, com Deus mesmo.

2.1. “A parte ateia que tenho igualmente em mim”

Na primeira fase do caminho espiritual de Etty Hillesum, identificamos um certo ateísmo. Não se trata de uma negação absoluta da existência de Deus. Estamos em setembro de 1941, há alguns meses desde o início do seu processo psicoterapêutico. O problema de Deus já havia aparecido antes. No entanto, vale considerarmos com atenção o que Etty escreve:

De repente, nesta tarde, me encontrei ajoelhada no banheiro, sobre o tapete marrom de fibra de coco, a cabeça enterrada no meu roupão de banho, que estava atirado sobre a cadeira de vime quebrada. Tenho muita dificuldade em me ajoelhar, há em mim um certo constrangimento. Com respeito a quê? Provavelmente à parte crítica, racional, *ateia*, que tenho igualmente em mim (HILLESUM, 2008, p. 164 [*Diário*, Caderno 2, 24/09/1941]) (grifo meu).

Mais adiante me deterei sobre o gesto de ajoelhar-se. Aqui, examino a parte final da citação. Etty se refere à uma “parte crítica, racional, ateia”, que traz dentro de si. Não se trata de uma confissão de ateísmo. Ela não está dizendo que nega a existência de Deus. Até porque o fato de se ajoelhar é uma das maneiras encontradas por ela para buscar a Deus. Não se busca o que se considera como não existente. No entanto, ela afirma haver dentro de si uma parte ateia. Em último caso, Deus é uma questão de fé. A razão responde a certas questões, mas chega um momento em que a fé deve assumir a decisão.

A chamada “parte ateia” de Etty diz respeito à dificuldade que ela tinha de dar esse passo na fé. Das três notas acima - parte crítica, racional, ateia - o ateísmo é precedido por duas qualidades próprias que dificultam, se não impedem, o fluxo natural da fé: criticismo e racionalismo. Quando se tem um pensamento marcado pela crítica e por um caráter racional, compreende-se a dificuldade de dar a decisão à fé da crença em Deus. Por isso, não entendo que Etty fosse ateia no sentido estrito do termo mas, antes, ateia-racionalista¹¹. Deus ainda era um objeto de estudo, de consideração, de exame crítico e analítico, enfim, algo impessoal. Não se pode ter uma relação pessoal com o que não se considera nem se assume como uma pessoa.

2.2. O nome ‘Deus’

Na segunda fase, Deus é um nome, é alguém de quem se fala. Cito três passagens: (a) “‘Como uma melodia, o mundo rola da mão de Deus’, estas palavras de Verwey não me saíram da cabeça durante todo o dia. Quem me dera ser melodicamente eu a rolar da mão de Deus” (HILLESUM, 2020, p. 65 [*Diário*, Caderno 1, 09/03/1941]); (b) “É preciso ter a coragem de o dizer. A coragem de pronunciar o nome de Deus. Spier contou-me uma vez que tinha demorado muito tempo até se atrever a pronunciar o nome de Deus. Como se sempre tivesse achado nisso uma coisa ridícula, apesar de acreditar nele” (HILLESUM, 2020, p. 155 [*Diário*, Caderno 4, 14/12/1941]); (c) “Ensinaste-me a pronunciar o nome de Deus sem reservas. Foste o intermediário entre Deus e mim, e agora, tu, o intermediário, partiste e o meu caminho conduz em linha recta a Deus” (HILLESUM, 2020, p. 283 [*Diário*, Caderno 11, 15/09/1942]).

O primeiro trecho exemplifica a relação de Etty com Deus. Estamos em março de 1941, no início do *Diário*. Deus está em terceira pessoa, é alguém sobre quem se conversa, se estuda, se analisa, se cita, se escreve. Ainda que ela queira rolar melodicamente da mão de Deus, não se trata de uma relação eu-tu, mas eu-ele. No segundo trecho, de dezembro de 1941, Etty se dá conta da dificuldade de pronunciar o nome ‘Deus’. Os judeus não

¹¹ Quando examinamos os Hillesum, vemos que eles se consideravam judeus, enquanto raça, mas não eram praticantes, enquanto religião. Pelo contrário, as tradições judaicas não eram tomadas a sério pelos pais de Etty, pelos irmãos nem por ela própria: “quoique s’intéressant au judaïsme, Louis Hillesum était fortement assimilé et travaillait par exemple le samedi” (SMELIK, 2008, p. 16). Um judeu assimilado era aquele que se integrava à cultura onde vivia, eram judeus quanto à raça, mas não era judeus religiosos. Como afirma Willems: “A assimilação refere-se, exclusivamente, à obliteração, substituição e modificação de hábitos e atitudes, quer dizer, de traços adquiridos na vida social” (WILLEMS, 2020, p. 195). Ver também: SORJ, 2010, p. 16-22; MORRIS-REICH, 2008, p. 34-84.

pronunciam o nome de Deus (Iahweh). Partindo do pressuposto que os Hillesum eram judeus assimilados, não haveria razões para Etty sentir-se constrangida em pronunciar o nome daquele que aparece por escrito desde as primeiras páginas do seu *Diário*.

Em todo caso, o ponto aqui não é discutir esse costume judaico, mas trazer à luz o seguinte elemento: nesse momento, a relação de Etty com Deus é intermediada por um nome ('Deus'), que é pronunciado com dificuldade. Para se chegar a um determinado ser, é preciso pronunciar o seu nome. O nome traz o ser. Esse trecho apresenta uma questão interessante. É preciso ter coragem para pronunciar o nome de Deus. Não é suficiente querê-lo, mas ter a coragem, que será aprendida através de Spier, como vemos no terceiro trecho, registrado no dia 15 de setembro de 1942, data da morte de Julius Spier. Relendo o próprio caminho espiritual, Etty reconhece ali o papel de Spier: ajudá-la a pronunciar o nome de Deus sem reservas. Portanto, encontramos nesses três trechos citados um Deus que aparece em terceira pessoa, é alguém de quem se fala e que é um nome difícil de se pronunciar.

2.3. Deus soterrado, desenterrado pela meditação

Na terceira fase, identificamos um Deus soterrado, que precisa ser desenterrado para ser conhecido, através da meditação ou da escuta interior. Cito Etty: “Dentro de mim há um poço muito fundo. E lá dentro está Deus. Às vezes consigo lá chegar. Mas acontece mais frequentemente haver pedras e cascalhos no poço, e aí Deus está soterrado. Então é preciso desenterrá-lo” (HILLESUM, 2020, p. 112 [*Diário*, Caderno 2, 26/08/1941]). O que antes era um nome difícil de ser pronunciado é reconhecido agora como residindo dentro de si, em um poço muito fundo. Vemos uma semelhança com Agostinho: Deus habita dentro do ser humano. No entanto, essa habitação não é pacífica. Pelo contrário. Ainda que Deus habite dentro, frequentemente está soterrado por pedras e cascalhos. As pedras e cascalhos são imagens para significar tudo o que impede o ser humano de se relacionar com Deus, desde as pequenas preocupações do dia-a-dia, passando pelas angústias e tristezas, pelos barulhos interiores e exteriores, pelas alienações ou o que quer que seja. Pedras e cascalhos são apropriados para estarem como pavimento de uma

estrada, não dentro de um poço, pois impediriam ao sedento de saciar a própria sede, fazendo-o definhar¹².

Para desenterrar Deus de dentro de si mesma, Etty estabelece um ritual a ser realizado todos os dias, o qual vai chamar de meditação¹³:

Acredito que é isto que vou fazer: de manhã, antes de começar o trabalho, passar meia hora “para dentro”, a escutar o que está dentro de mim. “*Submergir-me*”. Também se pode chamar a isto meditar. Mas essa palavra ainda me atemoriza um pouco. Mas, sinceramente, por que não? Uma meia hora de silêncio dentro de si. Não chega somente mover os braços e as pernas e todos os outros músculos, de manhã na casa de banho. O ser humano é corpo e alma. E assim, uma meia hora de ginástica e uma meia hora de “meditação” podem formar em conjunto uma larga base de calma e concentração para o dia inteiro. Porém, não é tão simples como isso: uma “hora silenciosa” assim. Isso requer aprendizagem. Toda a pequena tralha humana e todas as superficialidades teriam de ser eliminadas lá dentro. No final de contas há sempre um monte de desassossego em vão, numa cabecinha destas. Sentimentos e pensamentos de abertura e libertação também existem, mas a tralha está sempre à mistura (HILLESUM, 2020, p. 89 [*Diário*, Caderno 1, 08/06/1941]).

Meditar para Etty é virar-se para dentro, escutando em silêncio o que se passa no interior. Esse processo é sintetizado por duas expressões: a primeira, ‘submergir-me’, em alemão, ‘*sich versenken*’. Trata-se inicialmente de fazer silêncio exterior a fim de que haja silêncio no interior. É um voltar-se para dentro de si mesmo. Submergir quer dizer mergulhar, ir até o fundo, ir ao que há de mais recôndito e essencial. O ato de mergulhar remete à ideia de água, que tem, por exemplo, em um poço. Tirar as pedras e cascalhos seria esse processo de silêncio interior, para ouvir e reconhecer as tantas vozes alheias que habitam dentro, discernindo-as da voz do Deus soterrado, em quem se anseia mergulhar. Além disso, meditar é um processo que se aprende, se treina e no qual se persevera. Meditar não é um estado, mas um percurso. A meditação não tem um fim em si mesma, mas é uma intermediária. A meta está por vir.

¹² Se dentro de Etty existe um poço-residência, esse mesmo poço-residência se encontra em todo ser humano. Há um Deus soterrado em cada pessoa. Podemos nomear as pedras e cascalhos que soterram a casa do divino em cada pessoa: a falta de dignidade, de identidade, de oportunidades. Cascalhos e pedras são as ocasiões que nos impedem de ver o rosto de Deus no outro.

¹³ Recentemente, publiquei um artigo onde investigo o conceito de meditação em Etty Hillesum. Para ela, meditar é virar-se para dentro, mergulhar em silêncio, escutando o que se passa no interior. Além disso, a meditação tem uma tripla finalidade. Medita-se para transformar o matagal interior em uma planície grande e ampla. Medita-se para que cresça algo de Deus em nós. Medita-se para que cresça em nós um pouco de amor, com o qual se pode fazer algo no cotidiano. Ver: PEREIRA, Diego Fragoso. Notas sobre a meditação em Etty Hillesum. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 68, p. 350-368, jul./dez. 2021.

Poderia-se objetar que essa meditação de Etty seria uma atitude de ensimesmamento. O indivíduo ficaria no seu canto, quieto, alheio aos problemas do mundo e da vida, buscando uma certa satisfação interior, uma certa letargia que o faria se esquecer por uma meia hora do drama que envolve o cotidiano de si mesmo e das demais pessoas que o cercam. No entanto, Etty complementa o trecho citado acima, dizendo:

E é precisamente esse o objectivo dessa meditação: que, por dentro, uma pessoa se torne uma planície grande e ampla, sem o matagal manhoso, que esconde a vista. Que portanto alguma coisa de “Deus” penetre em ti, tal como existe algo de “Deus” na *Nona* de Beethoven. Que alguma coisa de “Amor” penetre em ti, não um amor de luxo de meia hora, onde te delicias a flutuar orgulhosa dos teus próprios elevados sentimentos, mas amor, com o qual podes fazer algo no banal dia-a-dia (HILLESUM, 2020, p. 89-90 [*Diário*, Caderno 1, 08/06/1941]).

Meditar não é um momento para se deliciar em um flutuar orgulhoso sobre os próprios sentimentos, por mais elevados que sejam. Não é um amor de luxo. É um processo interior, mas que conduz o indivíduo para fora de si mesmo. É um percurso interior que leva ao exterior. Para Etty, a meditação tem três objetivos: (a) Transformar o matagal interior em uma planície grande e ampla. É uma imagem para dizer que o caos interior, com suas tralhas, pedras e cascalhos, seja colocado na sua devida posição, seja ordenado, e em seu lugar haja um cosmos interior. O matagal é um lugar de pouca visão. A planície, por sua vez, por ser grande e ampla, permite enxergar até o horizonte. Meditar é colocar-se em ordem, em dia consigo mesmo. (b) Que alguma coisa de “Deus” penetre em si. Volta-se à imagem do poço abarrotado de quinilharias. Tirando as tralhas, permite-se que Deus saia também do poço e esteja à vontade pelo interior, como no Éden, com os primeiros pais, quando “Iahweh Deus passeava no jardim à brisa do dia” (Gn 3,8). Meditar é colocar-se em dia com Deus. (c) Que penetre um pouco de amor, com o qual se pode fazer algo no banal dia-a-dia. Estando em dia consigo mesmo e com Deus, é possível também colocar-se em dia com os que estão em volta. Trata-se de um amor de ação. Medita-se para que haja amor nos gestos e atitudes mais banais, mais ordinários do cotidiano. Medita-se não apenas para si, mas para que, em último caso, quem está em volta seja objeto do amor que cresce em nós, graças ao mergulho em si e à abertura ao dom de Deus, que habita no interior.

A segunda expressão que sintetiza o processo de meditação é ‘escutar interiormente’, em alemão, *‘hineinhörchen’*. Trata-se de uma escuta atenta de si, mas também dos outros e de Deus também dentro de si. É um dar atenção à voz interior, ao poço que existe dentro

de si, a fim de transformar o matagal interior em uma planície clara e límpida. É um mergulho profundo dentro de si para, lá dentro, escutar. Escreve Etty:

Exprime-se realmente melhor pelas palavras dele, “descansar dentro de si”. E talvez sejam estas as palavras que melhor exprimem o meu sentimento de vida: descanso dentro de mim. E esse mim própria, esse mais profundo e mais precioso em mim no qual descanso, a isso eu chamo “Deus”. [...] É realmente bom teres deixado o meu corpo dizer “basta!”, meu Deus. Preciso de me tornar completamente saudável a fim de conseguir fazer tudo aquilo que devo fazer. Ou talvez essa também seja uma ideia convencional. Mesmo que uma pessoa tenha uma doença no corpo, o espírito pode continuar a trabalhar e a ser produtivo, não é? E amar e *‘hineinhörchen’* a si mesmo, a outros, as conexões desta vida e a ti. *‘Hineinhörchen’*, bem que eu gostaria de encontrar uma boa expressão em holandês para isso. Na realidade, a minha vida é um *‘hineinhörchen’* contínuo, a mim, a outros, a Deus. E quando digo *‘hineinhörchen’*, é efetivamente Deus em mim que *‘hineinhörchen’*. O que há de mais essencial e profundo em mim escuta o que há de mais essencial e profundo no outro. Deus escuta Deus.” (HILLESUM, 2020, p. 288-289 [Diário, Caderno 11, 17/09/1942]; com adaptações).

Escutar interiormente, *‘hineinhörchen’*, é uma outra maneira de como Etty compreende a meditação: escutar a si mesmo, aos outros e a Deus. No entanto, há um elemento novo, que também se escuta: “as conexões desta vida”. Escutar é deixar com que as coisas sejam o que são. Não se trata de resignação, mas de permitir que Deus seja Deus, que os outros sejam os outros, que eu seja eu mesmo.

A meditação em Etty é acompanhada por um gesto que pode, à primeira vista, parecer simples. No entanto, assim como o meditar é um processo a ser adquirido, aprendido, do mesmo modo o gesto de se ajoelhar também deve ser aprendido. O gesto de estar de joelhos desempenha um papel relevante no percurso interior de Etty. Assim ela escreve:

Ontem à noite, pouco antes de me ir deitar, dei por mim de repente ajoelhada na alcatifa, no meio desta sala grande, por entre as cadeiras de metal. Assim sem mais nem menos. Puxada para o chão por algo mais forte do que eu. Algum tempo atrás, tinha dito para mim mesma: “Vou exercitar-me a ajoelhar”. Ainda tinha demasiada vergonha desse gesto que é tão íntimo como os gestos amorosos, acerca dos quais ninguém consegue falar a não ser que seja um poeta (HILLESUM, 2020, p. 155 [Diário, Caderno 3, 22/11/1941]).

O ato de ajoelhar-se não faz parte da simbologia própria da tradição judaica¹⁴. É um gesto que aparece noutras tradições, como no cristianismo, com o qual Etty tomou

¹⁴ Acredito que uma das razões pelas quais o colocar-se de joelhos não faz parte da mentalidade judaica se encontra no relato bíblico do livro de Ester. No texto bíblico, Mardoqueu se recusa a se ajoelhar diante de Amã, fazendo com que o rei Assuero, por meio de Amã, decreta a destruição dos judeus (cf. Est 3,1-6). Mais adiante, em oração a Iahweh, Mardoqueu justifica sua atitude: “Tu sabes tudo! Sabes, Senhor, que nem arrogância, nem orgulho, nem vaidade me levaram a fazer o que faço: recusar-me a me prostrar diante do orgulhoso Amã. De boa vontade eu lhe beijaria a planta dos pés para a salvação de Israel. Mas o que eu fiz, era para não colocar a glória de um homem, acima da glória de Deus; e *não me prostrarei diante de ninguém, a não ser diante de ti, Senhor*, e não o faço por orgulho” (Est 4,17d-17e; grifo meu). Seguindo o

conhecimento por meio de sua amiga Henny Tideman, chamada Tide¹⁵, e mesmo através de Spier¹⁶, embora este fosse judeu. Ajoelhar-se é uma das maneiras pelas quais Etty faz-se presente a si mesma, faz-se presente a Deus. O colocar-se de joelhos é um processo difícil e constrangedor no início¹⁷, mas que vai se tornando uma parte necessária do seu percurso, a tal ponto que Etty sente que algo ou alguém a impele a colocar-se de joelhos¹⁸.

2.4. Um diálogo ininterrupto com Deus

Na quarta fase, Aquele de quem Etty dizia o nome com certo pudor e que depois descobre soterrado dentro de si mesma, passa a ser alguém com quem estabelece um diálogo ininterrupto. Vemos uma mudança no trato com Deus. No início do seu percurso espiritual, Etty fala *de* Deus, *acerca de* Deus. Na série de orações que encontramos nos vários cadernos do seu *Diário*, Etty fala *a* Deus, ela própria ousa dirigir-se a Deus. Agora, Etty dá um passo além. Não só fala a Deus, mas também fala *com* Deus. Nesse momento, identificamos, como ela própria escreve, um “diálogo ininterrupto” com Deus.

Ora, o ato de dialogar implica duas presenças independentes, mas em relação. São duas pessoas que, ao mesmo tempo em que se distinguem, não estão de todo separadas.

raciocínio de Mardoqueu, o judeu deve se ajoelhar tão somente diante de Iahweh. Ora, o lugar onde Iahweh residia era o Templo em Jerusalém. Portanto, o único lugar permitido ao judeu para o ajoelhar-se e se prostrar. No entanto, o Templo foi destruído em 587/586 a.C., por Nabucodonosor, e em 70 d.C., pelas tropas de Tito. Não há mais o lugar onde Iahweh reside. Portanto, não há mais onde ajoelhar-se e se prostrar. Logo, o gesto de ajoelhar-se não faz mais sentido na tradição judaica.

¹⁵ Escreve Etty: “Puis, ce soir [l’étude des] doigts chez Tide. Elle ne remonte qu’à une semaine, cette conversation où elle m’a dit: ‘En cela aussi je suis comme un enfant, *quand je ne sais pas comment agir, je tombe à genoux en plein milieu de ma chambre et je le demande à Dieu*’” (HILLESUM, 2008, p. 168 [Diário, Caderno 2, 25/09/1941]; grifo meu).

¹⁶ Escreve Etty: “Je me crois capable de tout supporter, de tout assumer de cette vie et de cette époque. Et si les turbulences sont trop fortes, si je ne sais plus comment m’en sortir, il me restera toujours deux mains à joindre et un genou à fléchir. C’est un geste que nous ne nous sommes pas transmis de génération en génération, nous autres juifs. J’ai eu du mal à l’apprendre. *C’est l’héritage le plus précieux de l’homme dont j’ai déjà presque oublié le nom, mais dont la meilleure part prolonge sa vie en moi*” (HILLESUM, 2008, p. 756 [Diário, Caderno 11, 10/10/1942]; grifo meu). Esse homem seria Julius Spier, falecido há menos de um mês antes de que esse registro fosse escrito. Ademais, sobre a citação do texto francês: como os escritos de Etty disponíveis em língua portuguesa são, até o presente momento, da edição parcial, o texto em francês corresponde ao que faz parte da edição integral, mas não da edição parcial.

¹⁷ Escreve Etty: “Da rapariga que não conseguia ajoelhar-se’. Esta manhã, na penumbra cinzenta, lutando contra a insatisfação, encontrei-me repentinamente no chão, ajoelhada entre a cama desfeita do Han e a minha máquina de escrever, encolhida, a cabeça tocando o chão. Porventura um gesto de querer forçar a paz. E quando o Han entrou e olhou um pouco admirado para essa cena, eu disse-lhe que andava à procura de um botão. Mas esta última parte não era verdade” (HILLESUM, 2020, p. 158 [Diário, Caderno 4, 22/12/1941]).

¹⁸ Escreve Etty: “Agora, preciso de me ajoelhar, às vezes de repente, até mesmo numa noite fria de inverno, em frente à minha cama. E o ‘escutar-se’. O deixar-me guiar, não mais por aquilo que me atinge exteriormente, mas por aquilo que emana de dentro de mim. Ainda é só um começo. Eu sei. Mas não um começo desequilibrado, já tem alicerces” (HILLESUM, 2020, p. 162 [Diário, Caderno 4, 31/12/1941]).

Diálogo pede respeito pela individualidade e pela liberdade do outro. Assim, quando Etty dialoga com Deus, ela permite que Deus seja de fato Deus. Quando Deus dialoga com quem quer que seja, Ele permite que essa pessoa seja ela mesma, apesar de/inclusive ao estar na presença d'Ele. Se é um diálogo ininterrupto, contínuo, quer dizer que um está constantemente na presença do outro. Não necessariamente pela oração formal, no caso da relação com Deus, mas pela atitude consciente e constante de que se está na presença daquele que muito se ama. Escreve Etty em uma de suas *Cartas*:

Deus meu, fizeste-e tão rica, deixai-me, por favor, partilhar generosamente essa riqueza. *A minha vida tornou-se um diálogo ininterrupto Contigo, meu Deus, um grande diálogo.* Quando estou em algum canto do campo, de pés plantados na Tua terra, os olhos levantados para o Teu céu, há alturas em que me correm lágrimas pelas faces, brotadas de uma comoção e gratidão interiores, que procuram uma saída. Do mesmo modo, à noite, quando estou deitada e descanso em Ti, meu Deus, as lágrimas de gratidão correm-me, por vezes, pelo rosto, e isso é também a minha prece. [...] Não me revolto contra Ti, meu Deus, *a minha vida é um diálogo ininterrupto Contigo.* Talvez nunca venha a tornar-me a grande artista que, na verdade, gostaria de ser, mas já estou demasiado protegida em Ti, meu Deus. Por vezes, gostaria de registrar pequenas sabedorias e relatos vibrantes, mas volto sempre à mesma palavra - Deus - que compreende tudo, pelo que nada mais necessito de dizer. *E toda a minha força criativa se converte em diálogos interiores Contigo,* o bater do meu coração tornou-se aqui mais amplo e agitado e tranquilo ao mesmo tempo, e é como se a minha riqueza interior crescesse cada vez mais... (HILLESUM, 2009, p. 200-201 [*Carta* 60, 18/08/1943]; grifo meu)¹⁹.

Na passagem, nos deparamos com três menções ao diálogo com Deus. As duas primeiras são semelhantes. A terceira caracteriza o diálogo como interior. Tudo isso é dito em uma prece a Deus. Nas duas primeiras, Etty afirma que sua vida é um diálogo ininterrupto com Deus, embora haja algumas sutilezas. Etty escreve: “a minha vida tornou-se um diálogo ininterrupto Contigo, meu Deus, um grande diálogo” (HILLESUM, 2009, p. 200 [*Carta* 60, 18/08/1943]). Para começar, a frase traz a imagem de um processo. O diálogo com Deus é resultado de um percurso. Identificamos isso através do verbo ‘tornar-se’. Ora, a imagem de processo confirma nossa proposta de leitura de um percurso espiritual em

¹⁹ Esse trecho faz parte de uma carta que Etty enviou a sua amiga Henny Tideman, a Tide. Estamos em 18 de agosto de 1943, no campo de Westerbork. Em menos de um mês Etty será assassinada em Auschwitz. A *Carta* 60 se divide em quatro partes. Na primeira, Etty lembra que essa carta é resultado do seu “dia de escrita”, dia que se permitia aos judeus que escrevessem alguma correspondência que poderia ser despachada a partir do campo. Apesar do cansaço terrível, Etty lançou mão da oportunidade para dar notícias suas. A segunda parte é a oração citada. Há uma detalhe sobre a oração: ela foi escrita inicialmente no *Diário* e depois transcrita para a carta a Tide. Quando vamos para os cadernos do *Diário*, a fim de encontrar essa oração, não temos os registros desses últimos dias de Etty em Westerbork. Portanto, há boas razões para afirmar que Etty manteve seu *Diário* no campo e o levou consigo para a Polônia, onde se perdeu. Na terceira parte, Etty menciona um certo Jul. É provável que esteja se referindo a Julius Spier, já que esse Jul “continua a ensinar-me diariamente”. Na quarta parte, Etty nomeia alguns dos objetos que estão consigo no campo: o retrato da amiga Tide, o retrato de Jul, que estão dentro do *Livro de Horas*, de Rilke, e uma pequena Bíblia.

Etty, que desemboca precisamente em Deus e no diálogo ininterrupto com Ele. Além de ser ininterrupto, há uma outra qualidade presente: é um grande diálogo.

Na sequência do trecho, percebemos que não se trata de uma oração formal, instituída. O diálogo ininterrupto acontece em situações corriqueiras para um preso no campo de concentração. Em algum canto do campo, durante o dia, Etty levanta os olhos para o céu de Deus e suas lágrimas brotam de comoção e gratidão interiores. À noite, deitada no barracão, Etty descansa em Deus e suas lágrimas são, novamente, de gratidão. Essas lágrimas, intui ela, são sua prece. São situações corriqueiras o caminhar pelo campo, o estar deitado no barracão à noite. Etty, por sua vez, se aproveita dessas mesmas situações para prosseguir no seu percurso espiritual.

Não se trata de romantizar o sofrimento. Etty está consciente de sua situação e da situação dos judeus por toda a Europa²⁰. Apesar da perseguição aos judeus, Etty diz em prece: “não me revolto contra Ti, meu Deus, a minha vida é um diálogo ininterrupto Contigo” (HILLESUM, 2009, p. 200 [*Carta* 60, 18/08/1943])²¹. Nessa segunda menção ao diálogo, a oração com Deus depende do contexto histórico de Etty e da percepção de que não é Deus o responsável pelo que está acontecendo com os judeus. A não-revolta contra Deus mostra um dos motivos que justificariam uma revolta por parte de Etty: ela gostaria de ser uma grande artista, mas talvez não viria a ser devido à caçada dos judeus por parte do regime nazista.

²⁰ Etty escreve: “Não é Deus que nos deve explicações, mas nós a ele. Sei o que ainda nos pode esperar. Actualmente estou separada dos meus pais e não posso ir ter com eles, embora estejam somente a duas horas de viagem daqui, onde eu moro. Mas ainda sei exactamente qual é a casa onde eles vivem e que não passam fome e que estão rodeados de muita gente bem-intencionada. E eles sabem também onde eu me encontro. Porém, sei que ainda é capaz de chegar uma altura em que eu não saiba onde estão, em que foram deportados, sabe Deus para onde, e morram em desgraça como acontece a tantos neste momento. Eu sei que isso ainda pode estar para vir. A última notícia é que todos os judeus vão ser deportados da Holanda, através da província de Drenthe para a Polónia. E a emissora inglesa disse que, desde Abril do ano passado, já morreram 700 000 judeus na Alemanha e nos territórios ocupados. E se nós continuamos vivos, serão outras tantas feridas com que teremos de conviver por toda a vida. E no entanto, Deus, não acho a vida desprovida de significado, quanto a isso não posso fazer nada” (HILLESUM, 2020, p. 211 [*Diário*, Caderno 8, 29/06/1942]). Etty ainda está em Amsterdam quando escreve esse registro. Em duas semanas ela começa a trabalhar no Conselho Judaico. No final de julho de 1942, se apresenta voluntariamente para acompanhar os judeus no campo de trânsito de Westerbork, na província de Drenthe, ao qual faz menção no trecho citado.

²¹ Em junho do ano anterior, Etty escreveu: “Deus também não nos deve explicações pelas coisas sem sentido que nós próprios fazemos; somos nós quem tem de dar explicações” (HILLESUM, 2020, p. 211 [*Diário*, Caderno 9, 29/06/1942]). Ela estava consciente do contexto em que vivia e, ao mesmo tempo, responsabilizava quem deveria ser responsabilizado: “Não é culpa de Deus as coisas serem actualmente como são, mas culpa nossa. Foram-nos dadas todas as possibilidades para aceder a todos os paraísos, ainda vamos ter de aprender a lidar com as nossas possibilidades” (HILLESUM, 2020, p. 242 [*Diário*, Caderno 10, 07/07/1942]).

A terceira menção diz que toda a sua força criativa se converte em diálogos interiores com Deus. Essa menção é precedida por uma afirmação que remete ao percurso espiritual de Etty: “volto sempre à mesma palavra - Deus - que compreende tudo, pelo qual nada mais necessito dizer” (HILLESUM, 2009, p. 201 [*Carta* 60, 18/08/1943]). Dissemos acima que Deus, para Etty, era um nome. ‘Deus’ é uma palavra. No entanto, ao voltar sempre à mesma palavra, Etty não trata mais essa palavra como um nome, mas como uma pessoa. Dificilmente uma palavra poderá compreender tudo, mas uma pessoa, sim. Dificilmente uma palavra poderá ser uma demasiada proteção. Uma pessoa, sim. Ao voltar à mesma palavra, Etty não permanece no campo da gramática, mas da semântica. Ela ultrapassa o reino das palavras e atinge o reino daquilo que as palavras significam.

Se Etty pretendia ser uma grande artista, é porque se percebeu com uma força criativa tal. Essa força criativa se converte agora em diálogos interiores com Deus. Etty tem consciência do seu talento, do saber registrar “pequenas sabedorias e relatos vibrantes” (HILLESUM, 2009, p. 201 [*Carta* 60, 18/08/1943]). Ela sabe que possui o dom da escrita. Mesmo esse dom, a partir de agora, é convertido também em diálogos interiores com Deus. Etty afirma ainda no trecho que o bater do seu coração se tornou em Westerbork mais amplo, mais agitado e mais tranquilo ao mesmo tempo. A conversão de seus dons em diálogos interiores e ininterruptos fazem-na ampliar seu campo de visão, reconhecendo as mazelas e misérias que a cercam. Mas é preciso ainda uma atitude concreta diante do diálogo ininterrupto com Deus. Trata-se do dom.

3. O dom de si

Durante a perseguição nazista, muitos judeus holandeses conseguem fugir e entram na clandestinidade. Os amigos de Etty também tentam, a todo custo, convencê-la a se esconder. Ela, por sua vez, faz justamente o inverso do que queriam seus amigos: permanece em Amsterdam, seguindo sua rotina. Aconselhada pelo irmão Jaap, solicita uma vaga de datilógrafa junto do Conselho Judaico²². Vemo-la trabalhando na sala do

²² Escreve Etty: “Aconselham-me também a arranjar um emprego de fachada no Conselho Judaico. Eles tiveram licença para admitir 180 pessoas na última semana e agora os desesperados acotovelam-se aos magotes. É como se fosse um pedaço de madeira a boiar no vasto oceano após um naufrágio, ao qual a maior quantidade possível de gente tenta agarrar-se. Mas acho que não adianta nada e é ilógico intentar

Conselho do dia 15 de julho de 1942 até o dia 30 do mesmo mês, quando pede para acompanhar no campo de trânsito de Westerbork, no serviço de ajuda social, os primeiros grupos de judeus antes de serem colocados no transporte para a Polônia. Etty não precisava fazer isso. Ela poderia ter ficado na capital, seguindo sua vida até ser convocada para se apresentar e ser deportada. Poderia também ter se escondido. No entanto, ela própria toma a iniciativa para ir a Westerbork. Pretendo a seguir abordar dois pontos. No primeiro, identificar uma das motivações de Etty para não ter escapado da perseguição nazista. Na segunda, sua atitude no campo de Westerbork, seja em relação a Deus, seja em relação aos demais presos.

3.1. O destino coletivo

As deportações ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial não foram as primeiras que os judeus enfrentaram. Na História da Salvação, por exemplo, em 598 a. C., aconteceu a primeira deportação, quando os babilônios assediaram Jerusalém, sob o reinado de Joaquin, e deportaram parte da população, incluindo o próprio rei. Em 587/586 a. C., aconteceu a segunda e mais famosa deportação, quando os babilônios, ainda liderados por Nabucodonosor, assediaram Jerusalém até sua rendição. Uma vez tomada a cidade, os chefes militares foram mortos, o rei Sedecias teve os olhos furados e os filhos mortos, e foi deportado para a Babilônia. O Templo, o palácio real e as casas foram incendiados, as muralhas foram destruídas (SICRE DÍAZ, 2016, p. 214-219).

Diante da ameaça iminente de uma deportação para a Polônia, para “o fim definitivo”, Etty decide compartilhar o que vai chamar de “destino coletivo” do povo judeu. Assim escreve:

Um dia difícil, muito difícil. Um “*destino colectivo*” com o qual uma pessoa deve aprender a conviver, suprimindo todas as puerilidades pessoais. E qualquer um, que ainda se queira salvar, tem obrigação de saber que se não for ele é um outro em seu lugar. E será que é muito importante se sou eu ou um outro, aquele ou aqueloutro? Tornou-se entretanto um “*destino colectivo*” e as pessoas devem sabê-lo. Um dia muito difícil. Mas, de cada vez, reencontro-me sempre na oração. E isso sempre hei-de poder continuar a fazer, até mesmo no recinto mais pequeno: rezar. E essa coisa do “*destino colectivo*” posso eu com ela, ato-a como se de um embrulho se tratasse, cada vez mais apertado e firme

algo. E também não faz parte do meu carácter usar os meus bons conhecimentos para meter cunhas. Parece, aliás, que há montes de intrigas por lá e o rancor por esse estranho órgão mediador aumenta de hora para hora. E além disso: mais tarde ou mais cedo há-de chegar a vez deles. Mas pronto, pode ser que por essa altura já os ingleses tenham desembarcado. É isso o que dizem os que ainda possuem alguma esperança política. Creio que é melhor desistir de qualquer esperança vinda do mundo exterior e deixar de fazer contas de cabeça sobre a duração do tempo, etc” (HILLESUM, 2020, p. 251 [*Diário*, Caderno 10, 11/07/1942]).

sobre as minhas costas, confundindo-se com elas, e já vou caminhando assim pelas ruas (HILLESUM, 2020, p. 244 [*Diário*, Caderno 10, 07/07/1942]; grifo da autora).

Na *Carta 64*, Etty descreve o episódio trágico de um rapaz que, sabendo que deveria ir no transporte na manhã seguinte, foge do barracão. Os cinquenta companheiros de barracão devem procurá-lo, sob pena de serem eles próprios também embarcados no transporte. Logo o encontram escondido. Mesmo assim, o comandante ordena que o rapaz e todos os companheiros, embora sem qualquer responsabilidade, sejam colocados no transporte (HILLESUM, 2009, p. 210-211 [*Carta 64*, 24/08/1943]). Se alguém não quiser ser deportado ou não quiser ser posto no transporte, que saiba que outrem deverá ir em seu lugar.

O raciocínio que Etty faz é simples: se fulano não for, sicrano terá que ir em seu lugar. Como não há um critério objetivamente válido para se definir o grau de importância entre fulano e sicrano, só resta aprender a conviver com o “destino coletivo”. Etty identifica-se como judia, não tanto quanto à religião, mas quanto à raça. É pela consciência coletiva, pela qual está ligada à raça judia, que Etty decide compartilhar o que estiver reservado para os judeus. Escreve Etty: “agora convivemos com o Destino, ou como lhe queiram chamar, nele achamos também novos gestos de convivência e tudo é muito diferente daquilo que líamos nos livros, antigamente” (HILLESUM, 2020, p. 236 [*Diário*, Caderno 10, 07/07/1942]). Dias antes: “trata-se do nosso extermínio, isso é bastante óbvio, sobre isso não precisamos ter ilusões” (HILLESUM, 2020, p. 220 [*Diário*, Caderno 10, 03/07/1942]). Quatro dias antes: “já morri mil mortes em mil campos de concentração, sei de tudo e também já não fico apoquentada com novas notícias. De uma ou de outra forma, já sei tudo. E todavia, acho esta vida bela e cheia de sentido. De minuto a minuto” (HILLESUM, 2020, p. 211 [*Diário*, Caderno 9, 29/06/1942])²³. Ao decidir compartilhar o “destino coletivo” do povo judeu, Etty tinha consciência do que estava acontecendo. Mesmo assim, entendeu que não era a Etty Hillesum que estava sendo perseguida pelo regime nazista, mas todo um povo, do qual ela própria fazia parte. Por isso, assumiu seu

²³ Escreve Etty no dia 1º de julho desse mesmo ano: “A minha mente já interiorizou tudo dos últimos dias - os boatos são até agora mais destruidores do que os factos, pelos menos os factos para nós, na Polónia parece que o extermínio está em pleno andamento - só o meu corpo pelos vistos é que não. Tudo se fragmentou em mil pedaços e cada pedaço tem uma outra dor” (HILLESUM, 2020, p. 212 [*Diário*, Caderno 9, 01/07/1942]).

povo, seu destino, seu futuro. Não importava mais escapar, mas o modo de se comportar em qualquer situação, fosse ela qual fosse²⁴.

3.2. Ajudar Deus a nos ajudar

Uma vez decidido compartilhar o “destino coletivo”, Etty tem uma atitude clara perante Deus e perante os demais internos do campo. Em relação a Deus, eximindo-o da responsabilidade pelo que está acontecendo naquele determinado momento da história, Etty experimenta a impotência divina. Convém esclarecer que essa impotência não anula a onipotência de Deus. É antes uma razão para que ela própria não perca seu papel de sujeito responsável perante o que acontece. Há duas passagens em relação a esse ponto.

A primeira:

E se Deus não me ajudar mais, nesse caso hei-de eu ajudar a Deus. [...] Não tenho grandes ilusões acerca da verdadeira situação e até mesmo à pretensão de ajudar os outros eu renuncio. Hei-de partir sempre do princípio de ajudar Deus tanto quanto possível e se conseguir, pois bem, nesse caso também estou disponível para outros. Mas ilusões heróicas sobre isso, é melhor também não as ter (HILLESUM, 2020, p. 245-246 [*Diário*, Caderno 10, 11/07/1942]).

Se Deus não ajudar, eu ajudarei Deus. É uma afirmação hipotética, que se converte em princípio de ação e de tomada de decisões. Os outros são objetos indiretos de uma ação. Primeiro, ajuda-se a Deus. Se nessa ajuda os outros saírem beneficiados, antes melhor. No fundo, parece que Etty tinha consciência da própria impotência perante o que estava acontecendo. Ela renuncia à pretensão de ajudar os outros, porque sabe que nem sempre será possível, sobretudo no campo de concentração. A realidade exige não alimentar ilusões heróicas.

A segunda passagem afirma:

Vou te ajudar, meu Deus, a não te apagares em mim, mas nada posso garantir antecipadamente. Uma coisa, no entanto, se me torna cada vez mais clara: não é tu que podes nos ajudar, mas nós é que podemos te ajudar - e, fazendo isso, nós nos ajudamos a nós mesmos. É tudo o que nos é possível de salvar nesta época e é também a única coisa que conta: um pouco de ti em nós, meu Deus. Talvez poderemos também contribuir para te revelar nos corações martirizados dos outros. Sim, meu Deus, tu pareces bastante incapaz de modificar uma

²⁴ Escreve Etty: “É de uma rara sobrestimação pessoal achar-se demasiado precioso para compartilhar um “*destino colectivo*”. E se Deus achar que ainda tenho muito a fazer, então ainda o hei-de fazer depois de ter passado por tudo o que os outros também passam. E se sou uma pessoa com valor, isso só poderá ser confirmado através do comportamento que irei mostrar nas circunstâncias alteradas. E mesmo que não sobreviva, então o modo como hei-de morrer será determinante para saber quem eu sou. Já não se trata de escapar a uma certa situação custe o que custar, mas, sim, de como uma pessoa se comporta e continua a sua vida em qualquer situação. As coisas que são razoáveis eu fazer, faço-as” (HILLESUM, 2020, p. 250, grifo da autora [*Diário*, Caderno 10, 11/07/1942]).

situação que é inseparável desta vida. Não te peço conta disso, ao contrário, és tu que nos chamas a prestar contas, um dia. Torna-se-me cada vez mais claro, quase a cada batida do meu coração, que tu não podes nos ajudar, mas é nós que temos que te ajudar e defender até o fim a morada que te abriga em nós (HILLESUM, 2008, p. 679-680 [*Diário*, Caderno 10, 12/07/1942]).

Se no dia anterior, 11 de julho, Etty expressava a hipótese de Deus não poder ajudar, agora no dia 12 de julho nos deparamos com uma declaração: Deus não pode nos ajudar. Estamos diante da impotência divina, mas não aquela discutida nos tratados de teologia natural. É antes a impotência diante da liberdade humana. A *Shoah*²⁵ é resultado da liberdade mal empregada do ser humano. Por isso, o ser humano não tem direito de pedir contas a Deus pelo que acontece nos campos de concentração. Ao contrário, é Deus quem deve pedir contas, um dia, sobre o horror e a barbárie praticados. Diante do mal uso da liberdade humana, Deus não pode nos ajudar. Resta-nos, então, ajudar a Deus.

Para Etty, nós temos que ajudar Deus a nos ajudar. Mas ajudar a quê? A que Deus não se apague em nós e a proteger a morada que abriga Deus em nós. Não deixar que Deus se apague em nós quer dizer conservar até o fim a consciência de que cada pessoa carrega em si um pouco de Deus, a imagem e semelhança do divino. Tanto quem é morto nos campos de concentração quanto quem mata nos mesmos campos, cada um porta em si uma fagulha de Deus. Ajudando Deus a nos ajudar, contribuímos para revelar Deus nos corações daqueles que são martirizados e que martirizam nos campos.

Além disso, ajudamos Deus a nos ajudar a proteger a morada que o abriga em nós. Os pensamentos, as atitudes e os comportamentos que temos conosco mesmos e com os outros são maneiras concretas de protegermos a morada que abriga Deus em nós. É possível proteger algo ou alguém de tantos modos. Protege-se cuidando, acolhendo, ouvindo, dando atenção, se preocupando, alimentando e assim por diante. Na realidade de um campo de concentração, por exemplo, percebemos como essas ações são fundamentais em relação a si mesmo e em relação aos outros.

O que justifica, em Etty, o cuidado com o outro é a consciência de que há em cada pessoa um pouco de Deus. Cada ser humano se torna um mediador, porque tem a possibilidade de desvelar um pouco de Deus. Por isso, uma forma concreta de ajudar Deus é ajudar a

²⁵ Termo empregado no judaísmo para se referir ao Holocausto, à perseguição e extermínio em massa do povo judeu, bem como de outras etnias e grupos sociais durante a Segunda Guerra Mundial, cometidos pelo regime nazista alemão. '*Shoah*' quer dizer destruição, uma grande calamidade.

nós próprios, a fim de que conservemos do modo mais adequado a morada, a parte em nós que guarda um pedaço de Deus.²⁶

3.2.1. *Cuidar como pão e bálsamo*

Cuidar de si e cuidar dos outros é cuidar da morada que abriga Deus. Menções aos outros, quer sejam conhecidos quer não, abundam nos relatos do *Diário* de Ety. Resta-nos considerar brevemente como é a atitude de Ety em relação aos que estão ao seu redor. Para isso, cito trechos do último dia do caderno 11, 13 de outubro de 1943: “Eu parti meu corpo como pão e o reparti entre os homens. E por que não? Eles estavam famintos e saindo de longas privações. [...] Gostaria de ser um bálsamo sobre tantas feridas” (HILLESUM, 2008, p. 760-761, [*Diário*, Caderno 11, 13/10/1942]).

De dois modos, pelos menos, Ety cuida dos outros: sendo pão partido, sendo bálsamo. Ela quer ser pão partido e repartido. A imagem do pão partido remete ao ato eucarístico de Jesus na Última Ceia: ele entregou o pão aos discípulos, seu corpo, sua vida pela humanidade. O pão alimenta e sustenta, a vida salva e redime. O pão partido é cuidado. Ety assume a imagem do pão partido. Sendo judia, se serve de algo que é profundamente caro à tradição cristã. Ety parte seu corpo como pão e o reparte entre os seus, que estavam famintos e carentes. Há tantas maneiras de ser pão partido em um campo de concentração.

Ety quer ser bálsamo sobre e para tantas feridas. O bálsamo é um óleo que cura e perfuma. Ele trabalha por dentro e por fora. Por dentro, curando. Por fora, perfumando. Ser bálsamo exige a coragem de pôr a descoberto feridas que muitas vezes têm mau odor, limpando-as, tratando-as, remediando-as, as enfaixando. As feridas podem ser de si mesmo, mas podem e são na maioria das vezes feridas da humanidade, feridas dos outros, do mundo. Ser bálsamo não é uma atitude isolada, mas é uma forma de vida, uma existência balsâmica. A imagem do bálsamo também é preciosa à tradição cristã. Nos relatos litúrgicos da segunda-feira da Semana Santa, o evangelho proposto é o de João 12,1-11, em que Jesus está em Betânia, em casa de Lázaro, Maria e Marta. Em posse de

²⁶ Escreve Ety: “Hei-de seguir novamente o velho método conhecido e de vez em quando falar comigo mesma nestas linhas azuis. Conversar contigo, meu Deus. Isto está certo? Posta as pessoas de lado, só sinto necessidade de conversar contigo. Gosto imenso das pessoas, porque *em cada uma amo um pedaço de ti, meu Deus. E procuro-te por toda a parte nas pessoas e, muitas vezes, acho um bocadinho de ti.* E tento desenterrar-te nos corações dos outros, meu Deus” (HILLESUM, 2008, p. 280 [*Diário*, Caderno 11, 15/09/1942]).

um frasco de nardo puro, muito caro, Maria unge os pés de Jesus. O cheiro do bálsamo se espalha por toda a casa.

Tanto como pão partido, quanto como bálsamo para todas as feridas, Etty entrega a sua vida “com as mãos abertas” (HILLESUM, 2009, p. 200 [*Carta* 60, 18/08/1943]). O estar com as mãos abertas é um tema que aparece na tradição judaico-cristã. Encontramo-lo, por exemplo, no Saltério: “em ti esperam os olhos de todos e no tempo certo tu lhes dás o alimento: abres a tua mão e sacias todo ser vivo à vontade” (Sl 145,15-16). Essa expressão aproxima Etty, por sua vez, de Thérèse de Lisieux. Na *Oração* 6, também conhecida como Ato de Oblação ao Amor Misericordioso, Thérèse escreve que quando comparecer perante Deus, apresentará “as mãos vazias” (THÉRÈSE DE LISIEUX, 2011, p. 963)²⁷. Etty, “o coração pensante dos barracões” (HILLESUM, 2020, p. 282 [*Diário*, Caderno 11, 15/09/1942]), terá as mãos abertas. As mãos vazias porque abertas.

Considerações finais

Ao longo do texto, pretendi identificar em Etty Hillesum um percurso espiritual que a leva desde a descoberta de Deus até a entrega da própria vida, enquanto dom, no campo de concentração de Westerbork. Para isso, me servi sobretudo do seu *Diário* e das suas *Cartas*. Gostaria, neste momento, de retomar e destacar alguns pontos.

No seu *Diário* e nas *Cartas*, Etty vai além de um relato histórico das agruras da Segunda Guerra Mundial e da perseguição nazista aos judeus e demais grupos. Na realidade, a história é o pano de fundo do seu relato, mas não o seu fio condutor. O que une as centenas de páginas da série de cadernos do *Diário* e as *Cartas* é a busca pela liberdade interior. Etty quer ser livre. A partir disso se compreende, por exemplo, o papel de Julius Spier, o psicoterapeuta, que de amante se torna um intermediário entre ela e Deus. Compreende-se o contínuo autoconhecimento de Etty. Compreende-se a maneira como ela passa a

²⁷ No original: “Au soir de cette vie, je paraîtrai devant vous *les mains vides*, car je ne vous demande pas, Seigneur, de compter mes œuvres” (THÉRÈSE DE LISIEUX, 2011, p. 963, grifo meu). Nesse aspecto, Thérèse de Lisieux se distingue de Teresa de Ávila. Enquanto que a santa de Lisieux pretende estar na presença de Deus “com as mãos vazias”, a santa de Ávila pretende não estar com as mãos vazias. Escreve ela no *Livro da Vida*: “Custe o que custar, Senhor, não permitais que eu chegue diante de Vós com mãos tão vazias, pois a recompensa será dada de acordo com as obras” (TERESA DE ÁVILA, 2015, p. 138).

enxergar toda a humanidade e cada ser humano, em particular. Compreende-se o papel que Deus vai assumindo em todo esse processo.

Para Etty Hillesum, Deus, que inicialmente é um nome ('Deus'), se converte aos poucos em uma pessoa (Deus): o nome se faz Pessoa. O autoconhecimento e o diálogo com Deus transformam a vida de Etty a tal ponto, que ela passa a ter um olhar diferente em relação a si mesma, aos outros e à situação em que vive. Além disso, a encarnação do nome alcança seu ápice no momento do diálogo contínuo. Deus é um ser pessoal, com quem se pode estabelecer um diálogo interior e ininterrupto. Mas esse Deus pessoal não é propriedade exclusiva de Etty, que o descobre soterrado dentro de si, através da meditação. Pelo contrário, Deus está também soterrado nos demais. Os outros são igualmente moradas do divino, casas que abrigam Deus. Assim, o trato pessoal com Deus lança Etty para o cuidado e o amor pelos outros.

Em um contexto em que os judeus perdem gradativamente suas liberdades individuais, seus direitos e são enviados para os campos de extermínio no Leste, Etty decide abraçar o destino coletivo do povo judeu. É por essa razão que se apresenta voluntariamente em julho de 1942 para acompanhar os primeiros grupos de judeus que são enviados para o campo de Westerbork. Como coração pensante nos barracões, ela decide ser pão partido e bálsamo para as feridas. Ela faz o processo da descoberta do nome de Deus à entrega de si própria aos que dela precisam. Em síntese: Etty passa do nome de Deus e chega ao dom de si.

Ao desejar ser pão partido e bálsamo para todas as feridas²⁸, Etty revela seu percurso espiritual. Antes focada apenas em si mesma, agora, através da descoberta pessoal de Deus, é capaz de doar a própria vida, entregando-a como pão, oferecendo-a como

²⁸ Em uma carta a Han Wegerif, descrevendo os relatos que antecederiam o transporte, Etty escreve: "Na noite anterior ao sucedido [ao transporte], caminhei pelo campo. As pessoas estavam agrupadas entre as barracas, sob um céu plúmbeo. 'Veja, é assim que as pessoas agem após uma catástrofe, juntando-se em esquinas das ruas a discutir o sucedido', disse-me o meu interlocutor. 'Mas é precisamente isso o que é incompreensível', exclamei, 'desta vez, estão a fazê-lo antes da catástrofe!'. Sempre que o infortúnio bate à porta, as pessoas tendem naturalmente a estender a mão para ajudar e a salvar o que pode ser salvo. Mas, esta noite, eu irei vestir bebês e acalmar mães - e chamar a isso 'ajudar', quase me podia amaldiçoar por fazê-lo. Sabemos perfeitamente que vamos deixar os nossos doentes e desprotegidos à mercê da fome, do calor, do frio, da falta de proteção e da destruição e, ainda assim, nós próprios os vestimos e acompanhamos até aos monstruosos vagões despídos - e aos que não podem andar, carregamo-los sobre macas. Mas que se passa, afinal, que mistérios são estes, em que espécie de mecanismo fatal nos encontramos enredados? Não podemos, simplesmente, fugir a esta questão com a desculpa de sermos todos cobardes. Nem somos assim tão maus. Estamos perante questões muito mais profundas..." (HILLESUM, 2009, p. 212 [Carta 64, 24/08/1943]).

bálsamo. Etty distingue amor de luxo e amor de ação. Amor de luxo é se deliciar orgulhoso nos próprios sentimentos elevados. Amor de ação é colocar no banal dia-a-dia aquilo que se adquiriu pela meditação, na escuta generosa de si mesmo e de Deus. Ser pão e ser bálsamo são maneiras de se colocar em prática esse amor de ação: “o amor consiste mais em obras do que em palavras” (INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 91 [EE 230]).

Etty não foi mártir da fé. Em momento algum se diz cristã. Independente disso, o ato de oferecer o dom de si ultrapassa crenças e religiões. Representa um dos melhores estágios da existência humana ao qual uma pessoa pode alcançar. Não à toa, o Cardeal Tolentino, no prefácio à edição portuguesa do *Diário*, descreve a experiência de Etty Hillesum como “uma das aventuras literárias e espirituais mais significativas do século” (MENDONÇA, 2020, p. 11). É uma aventura espiritual porque revela uma existência de doação de si mesma. É uma aventura literária porque se pode acompanhar a doação de si mesma ao longo do *Diário* e das *Cartas*. Em Etty, a literatura manifesta o dom de si.

Referências

- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.
- GERMAIN, Sylvie. *Etty Hillesum*. Paris: Pygmalion, 2006.
- HILLESUM, Etty. *Cartas 1941-1943*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- _____. *Diário 1941-1943*. 3. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2020.
- _____. *Les Écrits d'Etty Hillesum: Journaux et Lettres 1941-1943*. Édition Intégrale. Paris: Opus Seuil, 2008.
- INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MENDONÇA, José Tolentino. A Rapariga de Amesterdão. In: HILLESUM, Etty. *Diário 1941-1943*. 3. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2020.
- MORRIS-REICH, Amos. *The Quest of Jewish Assimilation in Modern Social Science*. New York: Routledge, 2008.
- PEREIRA, Diego Frago. Notas sobre a Meditação em Etty Hillesum. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 68, p. 350-368, jul./dez. 2021.

SICRE DÍAZ, José Luis. *Introdução ao Profetismo Bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2016.

SMELIK, Klaas A. D. Biographie d'Etty Hillesum (1914-1943). In: HILLESUM, Etty. *Les Écrits d'Etty Hillesum: Journaux et Lettres 1941-1943. Édition Intégrale*. Paris: Opus Seuil, 2008, p. 15-23.

SORJ, Bernardo. Meditações Político-Existenciais 1. In: BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. *Judaísmo para o Século XXI: O rabino e o sociólogo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, p. 16-22.

TERESA DE ÁVILA. Livro de Vida. In: _____. *Obras Completas*. 7. ed. São Paulo: Loyola/Edições Carmelitanas, 2015.

THÉRÈSE DE LISIEUX. *Oeuvres Complètes: Textes et Dernières Paroles*. Paris: Éditions du Cerf/Desclée de Brouwer, 2011.

WILLEMS, Emílio. A Assimilação dos Judeus. *Plural Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 27.1, p. 194-205, jan./jul., 2020.